

A NOBREZA DO SABER

Maquiavel, em uma célebre carta a um amigo, fez um registro de seu rito de criação intelectual. Contou que ao final do dia entrava em seu escritório e imediatamente retirava as vestes cheias de “vileza e lama”. Trajava-se “decentemente”, ingressava “na antiga corte dos antigos homens” e “perguntava-lhes a razão de seus atos”. Aquele momento, dedicado ao conhecimento e à iluminação da mente, não podia ser maculado pelas vestes encardidas do cotidiano, mas honrado com roupas nobres – “panni reali et curiali”¹. Mesmo solitariamente, à dignidade da atividade interior deveriam corresponder pompa e cerimônia.

Uso a passagem como metáfora para o cuidado e empenho com que foi criada e está sendo consolidada a Escola Superior da Procuradoria Geral do Estado. Atribuiu-se nossa Instituição a tarefa de ter em sua estrutura um núcleo de ensino, pesquisa e de difusão do conhecimento. Isso está ocorrendo com a energia, força e vitalidade que expressam reverência pela nobreza da missão de ensinar, de difundir ciência, de irradiar conhecimento. Age e agiu nossa Instituição (nas gestões que até o momento respondem pela existência da Escola) com o mesmo respeito pelo conhecimento que não permitia a Maquiavel entrar em seu local de estudo e de criação intelectual com as vestes cheias da lama do cotidiano.

Assim é que um andar do prédio da Rua Pamplona está, no momento em que escrevo, em reforma para abrigar quatro modernas salas de aula, com a tecnologia mais avançada – audiovisual e informática – de que se dispõe. Ao longo dos cursos que ora se desenvolvem, reconhecidas inteligências do mundo jurídico, da filosofia e das ciências humanas, do Brasil e do exterior, aqui compareceram. Quadros destacados da nossa Instituição deram o melhor de si para a Escola. Dois novos cursos estão sendo abertos, completando o mosaico de disciplinas que expressam a nossa vocação no serviço público: Direito do Estado (Administrativo e Constitucional), Processo Civil, Tributário e Direitos Humanos. Registro aqui o apoio generoso da Procuradora-Chefe do Centro de Estudos Doutora Márcia Semer e do Procurador Geral do Estado Doutor Marcos Nusdeo, que compartilharam a preocupação com a consolidação material e científica da Escola; e registro também a contribuição pioneira das colegas Doutoradas Dora Maria Vendramini Barreto e Maria Clara Gozzoli que, na gestão do Doutor Elival da Silva Ramos, criaram a Escola com o grau de excelência que pode testemunhar ao assumir a sua direção.

Aproveito o espaço para algumas considerações sobre o sentido que penso deve ter a nossa Escola. Maquiavel é um bom mote para tanto. Nenhum

¹ “Venuta la sera, mi ritorno in casa, et entro nel mio scrittoio; et in su l’uscio mi spoglio quella veste cotidiana, piena di fango et di loto, et mi metto panni reali et curiali; et rivestito condecientemente entro nelle antiche corti degli antiqui huomini, dove, da loro ricevuto amorevolmente, mi pasco di quel cibo, che solum è mio, et che io nacqui per lui; dove io non mi vergogno parlare con loro, et domandarli della ragione delle loro actioni; et quelli per loro humanità mi rispondono; et non sento per 4 hore di tempo alcuna noia, sdimenticho ogni affanno, non temo la povertà, non mi sbigottiscie la morte: tucto mi transferisco in loro. E perché Dante dice che non fa scienza sanza lo ritenerlo lo havere inteso, io ho notato quello di che per la loro conversatione ho fatto capitale, et composto uno opusculo De principatibus (...)” (Carta a Vettori. Disponível em: <www.classicitaliani.it>).

conhecimento é neutro, nenhuma técnica é neutra. No momento em que alguém se apropria do saber, fazendo ciência, confere-lhe certa inteligibilidade. Lâminas afiadas são bisturis que salvam vidas ou armas que tiram vidas. Descobrir um método mais rápido ou mais barato para afiar lâminas pode salvar mais vidas ou tirar mais vidas. O florentino desvendou o funcionamento do poder. Nos séculos seguintes, o substantivo fez-se adjetivo: “maquiavélico”. Mas, na arguta interpretação de Rousseau, Maquiavel, na verdade, “fingindo ensinar os poderosos, instruía o povo”. Para Rousseau, aparentemente aconselhando o Príncipe, ele avisava os súditos: “vejam, é assim que eles fazem; é assim que o poder funciona”, porque o desvendamento das entranhas do poder tanto pode ter o sentido de aperfeiçoar a técnica do domínio político quanto o sentido de ilustrar o povo.

A Escola surge em plena virada kantiana, o que significa um lado, um sentido, uma inteligibilidade para o conhecimento jurídico, o escapar do modelo positivista em que todos fomos formados, aquele que nos ensinava que bastava reconhecer formas, vigência e eficácia de normas para estabelecer o fenômeno como jurídico. A virada kantiana significa que, antes de tudo, o conhecimento jurídico é o que – lembrando os termos da Declaração de 1948 – pressupõe aquela norma fundamental provida de conteúdo que prescreve que os seres humanos devem estar a salvo do “medo e da necessidade”. Assim, a nossa Escola não é neutra. Tem um lado. Não obstante, seus alunos jamais terão subtraídos o direito sagrado de conhecer, debater e refletir sobre o que quer que seja e, assim, exercer a prerrogativa, própria da dignidade do humano, da autonomia da consciência.

Por fim, afirmo aos colegas que a Escola está aberta à colaboração de todos. Nenhum tipo de simpatia, afinidade ou querela orienta suas decisões. No entanto, cabe distinguir a participação didático-científica do estrito direito de administrar; a este corresponde o dever de responder, em última instância, política e administrativamente. É justo que, portanto, não se abdique da prerrogativa de geri-la. Respeitado esse pressuposto, todos serão, e estão sendo, convocados para fortalecê-la e dar o melhor de suas inteligências.

Marcio Sotelo Felipe

Diretor da Escola da PGE